

UMA ODISSÉIA EM BUSCA DE SI MESMO: O DUPLO EM  
ROSAS DO BRASIL, DE SÉRGIO SCHAEFER<sup>1</sup>

Romar Rudolfo Beling<sup>2</sup>

RESUMO

*Rosas do Brasil*, de Sérgio Schaefer, é um romance singular. Pela temática que encerra, pela sua construção, pelo apurado trabalho com a linguagem, pela intertextualidade latente com a produção literária de João Guimarães Rosa, particularmente a obra-prima *Grande sertão: veredas*, e talvez pelo diálogo que mantém com parcela importante da cultura ocidental, mas especialmente da cultura brasileira. Neste ensaio, nos debruçamos sobre essa obra para lê-la à luz da teoria sobre o duplo, tomando como apoio as considerações de Otto Rank, Sigmund Freud, Nicole Fernandez Bravo e Clément Rosset, em que quase sempre sobressai o viés psicanalítico na avaliação do comportamento humano e da contribuição da literatura no processo de entendimento da alma humana.

**Palavras-chave:** Literatura sul-rio-grandense, teoria do duplo, intertextualidade.

ABSTRACT

*Rosas do Brasil*, by Sérgio Schaefer, is a peculiar novel, because of its theme, its structure, its language accuracy, the latent intertextuality established between João Guimarães Rosa's literary production, mainly related to his masterpiece *Grande sertão: veredas*, and yet because of the dialogue maintained with a relevant parcel of Western culture and specifically with the Brazilian one.

<sup>1</sup> Este ensaio foi concebido originalmente como capítulo de nossa monografia do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Literatura, apresentada à Coordenação de Pós-Graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), ao final de 1999.

<sup>2</sup> Mestrando em Teoria da Literatura (PUCRS).

In this essay, we lean out of the light of the theory of the double, working with the support of Otto Rank, Sigmund Freud, Nicole Fernandez Bravo and Clément Rosset, within whose considerations exceeds the psychoanalytical bias, through the comprehension of the human soul.

**Key words:** Regional literature of Brazil South, theory of the double, intertextuality.

Este estudo dedica-se a elucidar um aspecto marcante em um texto peculiar em si, por toda a sua construção: o romance *Rosas do Brasil*,<sup>3</sup> do escritor sul-rio-grandense Sérgio Schaefer. A nossa preocupação foi a de enfocar essa obra com base na teoria sobre o duplo, e para isso nos valem os estudos de Otto Rank,<sup>4</sup> Clément Rosset,<sup>5</sup> Nicole Fernandez Bravo<sup>6</sup> e, necessariamente, Freud, que investigou a problemática da dupla personalidade em um artigo já clássico, *O estranho*.<sup>7</sup> A partir desses estudiosos, é possível verificar também a pertinência do aprofundamento em torno deste tema, definitivamente imbricado na condição existencial do homem e, por extensão, uma das temáticas recorrentes na literatura em todos os tempos.

Para leitores ainda não totalmente afeitos à produção de Sérgio Schaefer, trata-se de um nome que faz parte da geração de escritores gaúchos que veio à cena ao longo da década de 1980. Natural de Santo Cristo, Schaefer iniciou-se na literatura com o romance *Zé Divino, o messias* (1976), publicado pela Civilização Brasileira e festejado com entusiasmo por Hermilo Borba Filho, que, em um ensaio à guisa de introdução, chega a manifestar: “Sem nenhum exagero, desde Guimarães Rosa, como impacto, eu não receberá nada mais contundente na literatura brasileira”. *Zé Divino, o messias*, havia sido publicado no período em que Schaefer se encontrava em Mato Grosso, onde atuou como professor, por oito anos.

Mas foi *Rosas do Brasil*, seu segundo romance, escrito entre 1986 e 1987 - quando já residia em Venâncio Aires e trabalhava no ensino superior em Santa

<sup>3</sup> SCHAEFER, Sérgio. *Rosas do Brasil*. Porto Alegre: ISEL/Instituto Estadual do Livro, 1989. 523 p.

<sup>4</sup> RANK, Otto. *O duplo*. Tradução de Mary B. Lee. Rio de Janeiro: Coeditora Brasileira, 1939. 152 p.

<sup>5</sup> ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*: ensaio sobre a ilusão. Apresentação e tradução de José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1998. 110 p.

<sup>6</sup> BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In.: BRUNEL, Pierre (Org.) *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 261-288.

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund. *O estranho*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 235-273.

Cruz do Sul -, e publicado em 1989, numa edição conjunta do Instituto Estadual do Livro (IEL) e da editora IGEL, dentro da série Nova Literatura, que projetou definitivamente o nome de Schaefer no cenário da literatura sul-rio-grandense. Tendo como pano de fundo a obra do escritor mineiro João Guimarães Rosa, Sérgio Schaefer compõe uma história em que cenários, personagens e situações rosianas são evocadas constantemente. Mas a efabulação de *Rosas do Brasil* vai além desse mero expediente de referência e se constitui numa obra extremamente original, pelo trato com a linguagem e pelo mergulho em questões que, quase sempre, extrapolam o contexto da obra de Guimarães Rosa para dialogar com toda a literatura ocidental, com a filosofia, a psicologia, e outras áreas das ciências humanas.

Em *Rosas do Brasil*, a problemática do duplo é, em nosso entender, uma característica temática particularmente importante. Neste ensaio, propomos uma leitura da obra, iluminada justamente pela teoria sobre a duplicidade. Assim, nossa atenção recai sobre o grupo de personagens centrais, lideradas pelo professor Rodovaldo, um apaixonado pela obra de Guimarães Rosa, e composto ainda pelo cego Petrônio, pela prostituta Amélia e pelo negrinho Chico. A convite inicial de Rodovaldo, eles tomam a decisão, cada um a seu momento, de deixar de lado a mesmice da vida que levam no alienado ambiente urbano e partem em busca do “rosamundo”, que nada mais seria do que o universo ficcional da obra rosiana, e que eles identificam como “uma certa consciência de mundo”. Desde o momento em que põem o pé na estrada, passam a vivenciar duas realidades opostas, a do “rosamundo” e a do “rasomundo”, que seria o viver real, cotidiano, do qual buscam escapar. Bem, aí já começa a se instaurar a duplicidade.

## 1 A CONDIÇÃO DA DUPLICIDADE EM ROSAS DO BRASIL

O Rosamundo está onde queremos que esteja.  
(*Rosas do Brasil*, p. 92)<sup>8</sup>

O romance *Rosas do Brasil*, pela peculiaridade de sua estruturação e também pela efabulação que encerra, presta-se a um grande número de leituras, a um tempo divergentes e convergentes. Entre as possibilidades de interpretação, a temática do duplo afigura-se uma das mais instigantes. A história é toda construída sob a marca da indeterminação, advinda do fato de que tudo é de um

<sup>8</sup> De ora em diante, todas as citações referentes a esta obra terão indicação, entre parêntesis, apenas o número da página em que são encontradas.

jeito (como se apresenta), mas é também diferente. Os protagonistas (Rodovaldo, Amélia, Petrónio e Chico) movimentam-se por um ambiente "real" (no que diz respeito ao universo ficcional, evidentemente) mas graças à "doidice" de Rodovaldo, é como se eles de fato se aventurassem em um outro mundo, aquele encontrável na ficção do escritor mineiro João Guimarães Rosa.

A duplicidade espacial<sup>9</sup>, assim, a primeira a ser percebida, acompanhada de perto pela duplicidade temporal. E ela vem à tona, como dissemos, no fato de Rodovaldo insistir na busca do universo ideal da obra rosiana, interpretada por ele (e depois reafirmada também pelos demais personagens) como "uma certa consciência de mundo". Apenas por este fato, por ser uma "consciência de mundo", instaura-se já a duplicidade, pois o quarteto rechaça o mundo real para viver num espaço e num tempo ideais (aqueles vislumbrados pela consciência). Não apenas eles ignoram (ou fazem questão de ignorar) o ambiente real à sua volta, como remetem-se para um plano fictício, tomado perene nas páginas de *Grande sertão: veredas* e de outros textos clássicos de Guimarães Rosa.

É oportuno desde logo evidenciar que esta "alienação", por assim dizer, dos personagens em relação ao real, no tempo e no espaço, não causa exatamente a estranheza que Freud identifica em algumas obras literárias.<sup>9</sup> Para Freud, o duplo pode ser flagrado numa instância em que ocorre o encontro da consciência com coisas que já haviam sido reprimidas, há muito tempo, no inconsciente, mas que voltam a se manifestar, no encontro do eu com o passado - o fenômeno do "heimlich", aquele que é ao mesmo tempo familiar, e misterioso, traiçoeiro. A sensação de desconforto durante a leitura de um livro ou ao assistir-se a um filme que utilize a temática do duplo estaria, então, vinculada à capacidade que os autores tiveram de fazer emergir (ou de saber lidar com) coisas que constituem experiências coletivas, vivenciadas individualmente por todos os homens. Basta lembrar a afirmação de Freud: aquilo que nos surpreende como estranho satisfaz a condição de tocar os resíduos de atividade mental animista que se armazenam dentro de nós e de dar-lhes expressão.

Pode-se, então, entender que o duplo, em *Rosas do Brasil*, não mexe diretamente com fatos recalçados no inconsciente humano e que estivessem retornando, por conta da história narrada, à vivência do leitor. A duplicidade, no romance, relaciona-se mais com a própria condição da literatura como duplo de uma realidade, como percebeu Nicole Fernandez Bravo.<sup>10</sup> Esta identifica a gradativa transformação vivenciada no cume da duplicidade, e no fenômeno da dupla personalidade assumida pelas personagens de ficção, passando de um

caráter homogêneo (de identidade, de unidade) para um heterogêneo (onde ocorre a abertura para o espaço interior do ser, onde se rompe a unidade da consciência e a identidade do sujeito). Como divisor de águas apareceria ninguém menos que *Dom Quixote de La Mancha*, o célebre romance de Cervantes, escancarando as janelas para a análise do sujeito fragmentado.

Neste sentido, ao estar o romance duplicando um outro universo ficcional, o de Guimarães Rosa, em *Rosas do Brasil* a problemática do duplo remete para um herói fragmentado (Rodovaldo e, posteriormente, também os seus companheiros, que facilmente abdicam das suas ocupações para sair em busca de novas possibilidades de tornar um pouco mais rica de experiências a sua mísera vivência), que prefere abrir mão da vida que leva, e que não preenche as suas expectativas, não o completa, para buscar a vida que gostaria de ter, ou que espelha as suas filosofias de mundo.

Rodovaldo desde cedo é apresentado pelo narrador como um indivíduo problemático. Como professor de Literatura, está desiludido com o tratamento que a obra de Guimarães Rosa recebe nos projetos de ensino. É o profundo admirador de Fernando Pessoa. Não é preciso lembrar que, por seus heterônimos, Pessoa é um dos inconfundíveis exemplos do fenômeno do duplo na literatura universal. Mesmo a estrofe das *Odes de Ricardo Reis* (que, segundo o narrador, Rodovaldo repete a todo momento) é significativa para expressar o intertexto, expediente a mais a realçar a duplicidade. "Segue o teu destino, / Rega as tuas plantas, / Ama as tuas rosas. / O resto é a sombra / de árvores alheias" (p. 15). É uma epígrafe apropriada à aventura de Rodovaldo, que posteriormente parte em busca do seu ideal de mundo, manifestando seu apreço, não pelas rosas, mas pelo Rosa. Rodovaldo também não se dobra ao comodismo de ficar à sombra dos outros; seguirá na busca da própria sombra. Não se pode esquecer que a sombra é um símbolo da manifestação da bipolaridade alma e corpo, como já havia sido apontado por Otto Rank. Rodovaldo vai, assim, em busca da sua verdadeira alma, parte à procura de si mesmo, nem que esta expedição o conduza às raias da loucura (ou, numa metáfora plausível, a uma loucura em que o homem se encontre com as suas raízes primeiras, mais profundas, distanciando-se da razão que o aniquila subjetivamente e o reifica).

Dentro dessa perspectiva, vale referir a duplicidade que o próprio nome "Rodovaldo" carrega, e que Sérgio Schaefer chegou a apontar.<sup>11</sup> Dos "rosamundeiros", salienta o autor, Amélia, Petrónio e Chico foram inspirados em figuras

<sup>9</sup> Cf. o estudo referido na nota 7.

<sup>10</sup> Cf. o estudo referido na nota 6.

<sup>11</sup> Essa informação consta em reportagem de nossa autoria publicada no jornal *Gazeta do Sul*, de Santa Cruz do Sul, na ocasião em que o escritor foi patrono da 6ª Feira do Livro do município, em outubro de 1998. Neste sentido, consultar a bibliografia final.

clássicas da obra de Guimarães Rosa; já o professor Rodovaldo, esse é criação exclusiva de Schaefer. O nome vem do grego "rodon", que significa rosa, seguido da distorção linguística em torno da palavra "baldo", ou seja, gratuidade, coisa vã. Em síntese, "rosa balda, gratuita, vã". Como, afinal, parece ser a aventura de Rodovaldo, pois nada do que ele imagina estar encontrando é de fato vivenciado. Tudo não passa de delírio, um delírio que leva de arrasto os seus companheiros. Contudo, despojado da racionalidade que direciona os atos do homem no plano social, o percurso de Rodovaldo não deixa de assumir um inusitado sentido, pois todo caminho é um caminho, ou, como diz Rosset, parafraseando Heráclito, "o caminho que sobe e o caminho que desce é um e o mesmo."<sup>12</sup> Ou seja, vive-se. De uma ou de outra forma, e para tanto não faz diferença estar entre os realistas ou os idealistas.

## 2 AFINIDADES COM DOM QUIXOTE

Entre Rodovaldo e os demais "rosamundeiros", no entanto, estabelecem-se sensíveis diferenças. A mais significativa envolve Rodovaldo e Amélia. Esta, como prostituta, ingênua, alienada, sem qualquer traço cultural que a valorize intelectualmente, vive à margem da sociedade. Aceita o convite de Rodovaldo para acompanhá-lo numa louca aventura, mas não sabe exatamente do que se trata. Não lê, e muito menos conhece a obra de Guimarães Rosa; deixa-se levar unicamente pelos conhecimentos que o professor demonstra ter e confia no propósito da expedição, por ele referido. Ela cultiva, porém, o substrato religioso, apegando-se à sua estátua de Nossa Senhora das Sete Dores. Em visão de mundo, é objetiva, prática, e não abandona esse lado pragmático, que em muitas circunstâncias vai funcionar como contraponto aos desvarios de Rodovaldo.

Na postura de Amélia em relação a Rodovaldo é possível estabelecer uma primeira aproximação entre o papel do duplo em *Rosas do Brasil* e *Dom Quixote*.<sup>13</sup> Uma vez que Amélia aparece como uma figura prática, ela é realçada em oposição à subjetividade dominante em Rodovaldo. Pode-se considerar Amélia como o duplo de Rodovaldo, da mesma forma como Sancho assume os encargos do real que estorvam o fidalgo Dom Quixote, assumido na sua condição de "cavaleiro andante". Enquanto Rodovaldo mergulha mais e mais nos seus "delírios", identificando razões para proezas onde há apenas constrangimentos

<sup>12</sup> ROSSET, Clément, op. cit., p. 25.

<sup>13</sup> CERVANTES DE SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1981. 609 p.

para sua honra (assim como ocorre com Dom Quixote), Amélia vai mantendo firme um pé na realidade, desconfiando de ordens e decisões; em outros casos, concede que Rodovaldo se exceda, como se estivesse admitindo as brincadeiras de um garotinho teimoso que nem sempre mede as conseqüências dos seus atos.

Flagrados sob um outro ponto de vista, os dois passam a ser também complementares. Amélia assume um papel importante dentro do universo ficcional da obra de Schaefer, papel também recorrente nas mulheres que povoam as obras de Guimarães Rosa. A prostituta, a meretriz, a Nhorinhá, é aquela que se entrega a todos os homens, como também ocorreu, em *Rosas do Brasil*, com Mirina/Moça.Poesia; Maria Muteima/Maria-Fogo-na-Saia; Conceição/Doralda, e tantas outras, desdobramentos da vida pacata do lar e do recato, e a entrega sem freios à paixão, à luxúria, ao prazer, sempre metades de uma unidade que se alcança com a entrega ao complemento masculino.

Homem e mulher (Rodovaldo e Amélia) são os duplos que se procuram e se completam, sem entaves sociais, no sertão, obedecendo a uma "exigência" biológica e natural. Esta duplicidade é complexificada, por exemplo, em *Grande sertão: veredas*, onde Riobaldo protagoniza o drama de não poder consagrar sua relação com Diadorim (a que é e não é), descobrindo o engano em que vive quando já é tarde demais (observe-se que há, em *Rosas do Brasil*, até mesmo uma paráfrase, ou paródia, ao infeliz romance entre Riobaldo e Diadorim, na parte intitulada No Paredão, quando dois revolucionários são assassinados pela polícia na localidade de Altos de Santa Luzia). Rodovaldo e Amélia conseguem, de qualquer forma, fazer valer a sua complementaridade. E, embora a Nhorinhá constanja o professor com sua postura teimosa, ele procura educá-la para o "rosamundo". Ali "a irmazinha devia olhar não com os olhos que tinha, mas com os que não tinha" (p. 155).

*Rosas do Brasil* aproxima-se de *Dom Quixote de la Mancha* ainda por um outro motivo. Nicole Fernandez Bravo, lembre-se, localiza o romance de Cervantes na transição entre a vigência do duplo como figura do homogêneo (como era concebido pelos autores antigos e medievais) e do heterogêneo, onde o desdobramento vem acompanhado de uma fragmentação da personalidade e da constatação da existência de um outro dentro do eu, instaurando os dramas íntimos. Assim como ocorre no *Dom Quixote*, também em *Rosas do Brasil* a realidade é duplicada pela ficção e sofre a sua influência. Rodovaldo e seu grupo vivem numa supra-realidade, movimentando-se no plano da "ilusão", como a teoriza Clément Rosset.<sup>14</sup> Para este estudioso, a angústia que acompanha a manifestação da duplicidade refere-se menos ao medo advindo da certeza da

<sup>14</sup> Cf. o estudo referido na nota 5.

morte ou da finitude, mas principalmente da incerteza quanto à própria existência. O dilema estaria então em não se saber quem é o real: o “eu” ou o outro, sempre existindo o risco de que o outro seja o verdadeiro, enquanto o “eu” seria uma mera cópia imperfeita. No caso de Rodovaldo, ele vive a realidade de professor que abandonou a sua função e perambula pela redondeza; mas, em seu desvario, imagina-se percorrendo os lugares estratégicos que conhece a partir das leituras da obra de Rosa. Chega a um ponto de não saber mais quem ele mesmo é: um personagem real ou fictício?

### 3 O “RASOMUNDO” VERSUS O “ROSAMUNDO”

É importante salientar, uma vez mais, a duplicidade que se estabelece rotineiramente na vida da pessoa, e cuja interpretação foi apontada por Clément Rosset. O homem tem, no mínimo, duas perspectivas das coisas e de si mesmo: ele tem a sua vida real, o que é, o que faz, o que lhe permitem fazer e alcançar; mas também vive num outro plano, imaginário, basicamente subjetivo, unicamente seu, onde convergem seus planos, seus sonhos, a sua memória, num ir e vir entre o passado (o que ele foi) e o futuro (o que gostaria de ser, física e intelectualmente falando). O homem se movimenta entre aquilo que é, e aquilo que gostaria de ser. Dessa dupla concepção das coisas e dos seres (como elas são e como o homem gostaria que fossem, e muitas vezes imagina que sejam - “imagem” essa, como se viu, nem sempre em sintonia com o real) e do próprio homem (como ele é e como gostaria de ser), *Rosas do Brasil* é uma singular metáfora.

Em relação a Rodovaldo, ele não se contenta com o que é, com o que tem, com o que fazem com ele, com o que permitem que faça, e parte em busca do que gostaria de ser, ou de uma simples possibilidade de mudar as coisas, de vê-las a partir de um outro ângulo, fascinado pela ideologia própria do mundo rosiano. Rodovaldo e seus companheiros movimentam-se no “rosamundo”, extensão ilusória do universo ficcional de Guimarães Rosa, que invade o plano da realidade graças à “doidice” (digamos assim) do professor (e basicamente dele, pois os demais personagens deixam-se influenciar pela autoridade daquele que deveria saber o que fala, justamente por ser professor). Mas nem por imaginarem estar no “rosamundo” os aventureiros deixam de ter a noção de que existe um “rasomundo”, aquilo que está fora da obra rosiana.

Não há, igualmente, como ignorar o vínculo de *Rosas do Brasil* com alguns clássicos do pensamento ocidental, a partir da sua filiação ao universo “rosiano de ser”. Clément Rosset, em *O real e seu duplo*, aponta o parentesco da alegoria da caverna de Platão com a evidência da ilusão metafísica, do mundo

e seu duplo. Schaefer, em seu romance, fornece uma pista singular sobre o contexto de interpretação da obra de Guimarães Rosa sob esse prisma. Diz ele, na página 42: “A obra de Guimarães Rosa, se desolhada de um ângulo xis, é uma espécie de versão tropical da Alegoria da Caverna”. Isso, o que viria a significar? É evidente que o narrador considera a obra de Guimarães Rosa como um todo; portanto, refere-se à própria essência da ficcionalidade na obra do escritor mineiro. O que instiga, necessariamente, é o neologismo verbal “desolhada”, marcado pelo prefixo “des”. Um olhar não-olhado, algo como o olhar do cego Petrónio? Talvez, por extensão (e metáfora) poderia entender-se por que, enquanto cego, Petrónio - assim como Rodovaldo e todo o seu grupo - está mais próximo da verdade das coisas e dos seres, uma vez que olha de um jeito diferente, olha despido da carga de preconceitos do “rasomundo”. Em suma: não seria esta carga de preconceitos, e de regramentos sociais, que afastaria o homem da sua própria essência, e que transformaria o mundo, o real, em uma espécie de “cópia ruim” do mundo “bom” que seria o seu complemento, representado em gênero, unidade e grau na obra de Guimarães Rosa?

Estaria lá, no universo rosiano, a verdade que a realidade tenta ofuscar, uma mera “sombra” platônica do “ideal” perseguido pelo homem. Assim sendo, também *Rosas do Brasil* tece essa verdade, como duplo da obra de Guimarães Rosa: o universo do romance de Sérgio Schaefer estaria muito mais próximo da verdade metafísica do homem, e Rodovaldo não seria (então) doido, apenas realista no outro extremo. Realista porque alcança, na prática, aquilo que para os “rasomundeiros” é tão somente um ideal. E que vem a constituir-se em demência sob o olhar severo - crítico, (des)inspirado - dos “rasomundeiros”, pois quem o acompanha nesse seu divagar metafísico-filosófico de “rosamundeiro” sabe exatamente a que o professor Rodovaldo vem. Lembre-se, oportunamente, que “o Rosamundo é mais que um lugar. É uma certa consciência de mundo.”<sup>15</sup>

Aproveitando a contribuição de Rosset, pode-se perceber também que Rodovaldo e seu grupo são marcados por um olhar fendido sobre a realidade. O professor, em especial, enxerga uma coisa completamente distinta daquela que percebe. Vê, mas não identifica as consequências daquilo que vê no real. Não por acaso, Rodovaldo e seu grupo veem a unidade: eles são “eles” mesmos, e mais outros tantos. Rodovaldo torna-se Siruiz, Amélia (a que nascera Maria e mais outros tantos, conforme informação introduzida na página 380) “transmuda-se” em Beatriz, Petrónio vira Borromeu; e Chico vira Guirigó. Rodovaldo experimenta Nhorinhá; Petrónio vira Borromeu; e Chico vira Guirigó. Rodovaldo experimenta ainda a chefia; Petrónio mergulha na (sintomática) terceira margem do rio (imagem rosiana entre as mais oportunas para clarificar a duplicidade, o de cá e

<sup>15</sup> SCHAEFER, Sérgio, op. cit., p. 195, e reafirmado em outras passagens, como na página 44.

#### 4 A VIAGEM COMO SÍMBOLO DO DUPLO

*Rosas do Brasil* é, antes de mais nada, o relato da “viagem” empreendida pelos “rosamundeiros” num mundo que era familiar para Rodovaldo, a partir das suas leituras, mas ao mesmo tempo desconhecido, no sentido prático, tanto para ele como para Amélia, Petrónio e Chico. Como tal, é mais um índice do desdobramento. O duplo que se instala no romance é, então, símbolo do acesso a uma realidade oculta, como havia sido enfatizado por Nicole Fernandez Bravo, quando ela lembra que o tema da viagem ou das andanças, desde o Romantismo, vem associado constantemente ao mito do duplo, que é o da busca do melhor eu. Em diversas passagens de *Rosas do Brasil*, Rodovaldo e seu grupo põem em evidência a singularidade da travessia, pois o “Rosamundo” como um todo, segundo o professor, seria uma travessia, uma transtravessia.

É necessário, para entender um pouco melhor os propósitos de Rodovaldo e seu grupo, conceber a sua aventura como uma viagem em busca de um outro plano da realidade, o plano da ilusão. Para entrar nesse mundo, o professor lança o convite: “S’ embora, cruzando as portas do afinal” (p. 96). E, uma vez estando nele, é preciso manter-se a todo custo em movimento, cruzando novos ambientes, novas paisagens e testemunhando os tipos humanos. “O Rosamundo só subsiste se nele se viaja”, adverte, na página 188. Mais adiante, o professor qualifica esse novo espaço no qual se movimentam: “O Rosamundo é mais que um lugar. É uma certa consciência do mundo (...) Por isso, por ser uma consciência de mundo, é que o Rosamundo tem que ser uma travessia. Começou, não pára mais. Parou, Rosamundo acabou” (p. 195).

Há uma necessidade expressa de flagrar novas paisagens, de re-alimentar a todo momento a ilusão de conviver com um universo diegético. E para tanto, é extremamente carregada de significado simbólico a passagem em que os “viajantes” chegam aos trilhos do trem, no capítulo 24, pouco antes de visualizarem o Morro da Garça. Rodovaldo aponta as possibilidades filosóficas sugeridas por esse caminho do trem que corta o sertão: “Afinal, havia ou não havia algo atrás dos trilhos do trem? Havia. Sempre há algo atrás de qualquer coisa” (p. 197). Na seqüência, trilho surge quase como sinônimo de sertão: “O sertão, esse infinito de trilhos” (p. 198). É preciso ver o sentido fundamental do caminho na obra de Guimarães Rosa. Sua criação máxima, não por acaso, é *Grande sertão: veredas*. Vereda, caminho, trilho, a possibilidade das inúmeras travessias a que a vida se abre no sertão. Como todo caminho, “o Rosamundo, por essência, não tinha fim” (p. 334). Síntese da condição necessária para viver plenamente as possibilidades de aventura do sertão, a única regra parece ser essa: “Rosamundeiro deve de estar solto” (p. 339). Assim, pode prosseguir sempre na via, em busca da essência de si mesmo.

**SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 37, p.27-43, jul./dez. 1999.**

o de lá); Amélia tem seus dias de Maria-Fogo-na-Saia. Rodovaldo enfrenta o diabo, vira onça, tripudia da morte, assim como Petrónio já havia tripudiado da mesma morte quando partira em busca da terceira margem, à procura de sua amada Judite, e retorna. Continuam sendo eles, os mesmos, no aspecto corporal, mas não enxergam mais exatamente quem são de fato, vêem-se outros, porque realmente acreditam nisso. De certa forma, têm múltiplas possibilidades de enxergar o ambiente que os rodeia e de nele interferir de maneiras diferenciadas. Na própria conjugação dos caracteres pessoais, das ocupações e dos afazeres de cada “rosamundeiro”, o reflexo da duplicidade se insinua. Além de Rodovaldo (que, como vimos, carrega a marca do duplo em sua própria nomeação), Amélia, enquanto prostituta, vive essa realidade de ser e não ser. Entrega-se a um de cada vez, mas é de todos. Entrega-se de corpo e alma ao prazer físico, carnal, luxuriante, explora a sensualidade, e vive apenas para esse fim, mas deve estar disponível para todos os homens, do “rasomundo” ou do “rosamundo” (ou seja, ela é talvez a única personagem para a qual nada mudou, em essência), sem negar a quem quer que seja, e nem exigir algo em troca que não apenas a satisfação pessoal no âmbito da própria sexualidade. Paradoxalmente, duplamente, ela é “a” mulher, e no entanto não passa de “uma” mulher de todos.

Petrônio é o duplo em especial, pela sua condição de cego. Um problema físico o impede de ver, mas ele enxerga aquilo que aos outros escapa. Desenvolve uma hipersensibilidade em relação aos demais sentidos: o olfato, a audição, o paladar e o tato são treinados, em Petrónio, de modo a substituírem a visão, que lhe falta. Em mais de uma ocasião, Petrónio mostra que ele está muito bem ciente do que ocorre à sua volta, antes mesmo de os demais “rosamundeiros” poderem se situar no plano espacial em que se encontram. Petrónio revela perspicácia e capacidade de percepção, porque, para apreender o “Rosamundo”, é preciso, principalmente, sentir. “Um rosamundeiro vê através da escuridão. Transfixa-a”, salienta Rodovaldo (p.155). Assim, Petrónio poderia até deixar de não ver, se fosse o caso, pois ele via de outras maneiras, que não apenas com os olhos.

Caso singular é também o do garoto Chico, que assume o codinome “rosamundeiro” de Guirigó. Vendedor de picolé, pobre, negrinho, ele carrega a ingenuidade, a inocência, marcas do sertão que se oferece como escola para a vida do menino. Em Rodovaldo ele terá um pai que o educará para a vida agreste; em Amélia a mãe que não possuía na rua. Junto com Petrónio, estará ao lado de Rodovaldo (Siruiz) nas andanças por um universo (ficcional, imaginário) que desconhece, mas que se apresenta como a aventura ideal para suas preocupações infantis.

**SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 37, p.27-43, jul./dez. 1999.**



## 5 O PARADOXO DE SABER QUE SE VIVE NA ILUSÃO

O paradoxo entre o real e o ilusório é o que há de mais inquietante em *Rosas do Brasil*. Seus personagens (em particular Rodovaldo, é sempre bom reforçar) sabem que vivem uma ilusão, e nem por isso deixam de vivê-la ou se constrangem por isso. Antes, entregam-se inteiros a essa busca por um algo que a realidade não soube satisfazer. Talvez esteja aí o grande “gancho” para a compreensão da obra, e que faz de Rodovaldo um “maluco” apenas do ponto de vista de quem se aliena da realidade, mas não do ponto de vista de quem persegue um ideal, um sonho. Ou seja, há a inversão já citada por Rosset. O real já não está mais do lado de cá, está do lado de lá.

Rodovaldo seria, então, um idealista, como não deixou de ser Dom Quixote. Vai em busca daquilo que faltou na realidade. Recordando o que expõe Clément Rosset, a realidade - para o professor (assim como não deixava de ser também para Amélia, para Petrónio e para Chico) - torna-se agressiva: na perspectiva de uma dupla configuração do mundo, o real era o lado “ruim”, despojado de sua riqueza intelectual e física, onde o homem se transforma em um mero objeto, tão facilmente descartável quanto todas as demais futilidades do mundo capitalista. Rodovaldo sonhava com um mundo “bom”, um mundo em que o homem seria tratado como homem, como ser vivo, com desejos, vontades, e em que esses desejos, essas vontades, pudessem ser atendidos ao bel-prazer.

Isso, obviamente, Rodovaldo encontrava latente na ficção de Guimarães Rosa, que dialoga com os arquétipos mais profundamente arraigados na cultura ocidental, e, por que não dizer, na própria essência do ser humano. Aqui, então, Schaefer talvez lide com aquilo que Freud apontou como o possivelmente reprimido e mais difícil de ser controlado na natureza do homem, mas o faz amenizando, de certa maneira, o impacto do tema, graças ao tom lírico-irônico muitas vezes adotado pelo narrador.

A aversão de Rodovaldo a tudo que diz respeito a normas ou construções artificiais denuncia sua posição ideológica. Ele odeia a política, e ao mesmo tempo reclama do fato de que o “rosamundo” insiste em influenciar (negativamente, segundo ele) o “rosamundo”, com tecnologias como a da bicicleta, da TV e do rádio. O “rosamundo”, entende Rodovaldo, é lugar onde quem deve reinar é o cavalo, ou quando muito aceita-se o rádio, pois este aparecera em um conto do próprio Guimarães Rosa. Afastar-se da política é, assim, uma forma de rechaçar a sua condição de cidadão no mundo real, do qual procura afastar-se de todas as formas, mergulhando num universo próprio, imaginário. Vira cidadão do seu mundo. Rodovaldo afasta-se terminantemente das decisões da sociedade, pois frequenta um universo paralelo, mais amplo, “aqui ele começa, mas não é aqui

que ele termina” (p. 94). Por isso, a entrada no “Rosamundo” é tão significativa, um “salto qualificativo” sem tamanho, que, necessariamente, tem que ser feito nu, despojado da roupa e de tudo que não seja natural (p. 96). É, para o grupo, quase um “nacer outra vez”.

Essa recusa do real, por parte de Rodovaldo, pode ser compreendida segundo a diferenciação entre as formas da “ilusão” apresentadas por Rosset, para quem a origem do duplo está no cerne da recusa do real. “Se ele [*o real*] abusa e mostra-se desagradável, a tolerância [*em relação a ele*] é suspensa” e o homem mergulha em si mesmo. “A consciência então deixa de perceber e é colocada a salvo de qualquer espetáculo desagradável, indesejável”, diz, ainda, Rosset.<sup>16</sup> A forma de recusa do real em Rodovaldo é radical: ele a considera um “não-ser” (na definição de Rosset), refletindo mais ou menos da seguinte forma: “Isto que julgo perceber [*o real*] não existe. O que existe é o que está em mim, e o que está em mim é o universo ficcional de Guimarães Rosa”. Rodovaldo vê, mas o que vê não é o que ocorre fora dele; a sua existência resume-se muito mais ao plano da ilusão do que, propriamente, ao plano real.

Que a supra-realidade do “rosamundo” é, principalmente, um raciocínio, isso pode ser constatado, por exemplo, através da necessidade manifestada por Rodovaldo de não ser contrariado em suas divagações, sob pena de perder o rumo no fluxo de seus “rosamundeiros” pensamentos. Uma passagem da página 98 do romance ajuda a ilustrar o caráter desconexo de algumas reflexões, quando há “interferências” estranhas às suas filosofias. Na oportunidade, os “heróis” estão entusiasmados em virtude da sua entrada no “rosamundo”, e Rodovaldo decreta que necessidades lógicas do “rasomundo”, como comer, dormir e descansar, devem ser deixadas de lado no novo ambiente. Petrónio argumenta o contrário, colocando-se ao lado de Amélia, que se diz cansada e com sono. O que ocorre com Rodovaldo, a partir disso, é referido pelo narrador, que entrevistara o professor:

Confessou-me ele, na entrevista, que as ponderações do cego tiveram o privilégio de desarticular logicamente o encadeamento das idéias que com tanta clareza e precisão vinha construindo em sua conversa com Amélia. Segundo ele, os nós entre as idéias se desmancharam e foi um deus-nos-acuda na sua cabeça: idéia disparando a todo canto, uma reunindo-se a outra sem a menor afinidade, esta desconceitualizando-se, aquela outra, coitada, andando de

<sup>16</sup> ROSSET, Clément, op. cit., p. 11.

lá pra cá sem modos de encontrar companhia. Enfim, um caos eidético (p. 98).

O universo no qual os "rosamundeiros" se movimentam é, principalmente, um universo imaginário, cuja fonte está nas idéias de Rodovaldo. Por essa razão, qualquer interferência externa, ao desenvolvimento das reflexões do professor tem o impacto de fazer desmoronar o "castelo de sonhos" do protagonista. Nessa estrutura eidética, a "translogicidade (...) é a questão rosamundeira número um", através da qual "é preciso alcançar novos mágicos sistemas pensamentais", como explica Rodovaldo (p. 97).

O professor também é intransigente quando flagrado em equívoco na nomeação dos lugares e personagens do "rosamundo". Ele imagina estar se deslocando pelas localidades citadas na ficção de Guimarães Rosa; no entanto, o grupo caminha por uma outra região, em meio a pessoas do mundo real. Quando o grupo chega à casa de Aristides Correa e de sua esposa Conceição, no capítulo 33, Rodovaldo os confunde com o casal Soropita e Doralda, tal como aparecem no conto *Dão-Lalão*, de Guimarães Rosa. E como estes dois moravam no lugar denominado Æo, é ali que Rodovaldo imagina encontrar-se nesse momento. Só que Amélia e os outros decidem esclarecer para o professor que o nome da mulher à sua frente não é Doralda, e sim Conceição, e que as terras não são de Soropita, e sim de Aristides. Eis como reage:

Rodovaldo logo não disse nada, que é o costume dos grandes chefes. Passou a mão pela barba: coftou-a (...) Deu um passo à frente. (...)

- Ói, o que eu vou dizer. Pode até ser que seja o que vocês julgam ser o que é, mas não é. A dona desta casa é dona Doralda; seu dono é Soropita; e o lugar aqui se chama o Æo.

(...) E agora quero saber: haverá por aqui alguém que acha diferente?

O silêncio que se fez, uns segundos. Tempo de as idéias tomarem juízo. Amélia relaxou:

- Sendo, então é - falou por todos (p. 280).

A questão, assim, estava resolvida.

## 6 A HORA E A VEZ DE RODOVALDO

Rodovaldo salva a sua vida ao preço da ruína mental, que resulta na fórmula da loucura. É justamente como desvairado que Rodovaldo encontra a si mesmo, pois abandona de vez o real indesejável e passa a viver perpetuamente numa "supra-realidade" imaginária, onde conquistará finalmente o "rosamundo", em busca do qual partiu junto com Amélia, Rodovaldo e Chico. Estes, mesmo tendo feito todo o percurso, não chegam ao extremo de desprezar o real. Voltam para a sua vizinha mundana e cotidiana, onde permanecerão, no limiar entre o que são e o que, afinal, gostariam de ser (de ter sido). Mas tiveram também a oportunidade de fazer a viagem, que só a Rodovaldo interessava realmente.

Este deixou de ser quem era na vida real para tomar-se aquilo que gostaria de ser (ainda que ao preço do seu desequilíbrio mental). Esse parece ser o seu destino, e "o destino era como um vazio que sempre tinha que ser enchido. Quanto mais se enche, mais vazio ele parece" (p. 212). O personagem assume a sua insaciabilidade, e, como já havíamos apontado em um trabalho anterior,<sup>17</sup> concretiza o sonho de qualquer leitor: mergulhar no espaço diegético das obras que lê e poder interferir diretamente na seqüência dos acontecimentos, testemunhando *in loco* a história narrada. Evidentemente, do ponto de vista da duplicidade, é então preciso abandonar a personalidade primeira para incorporar o espírito ficcional.

Rodovaldo traz o imaginário para o real, da forma como o faz Dom Quixote, e ao mesmo tempo deixa ele mesmo (Rodovaldo) a sua marca neste real. E assim, ainda que superficialmente, o transforma, pois as pessoas com as quais teve contato (a família de Gofredo Santos, os revolucionários do movimento, os moradores dos lugares por onde os "rosamundeiros" andaram, todos puderam testemunhar essa aparição surreal). Embora a ficção não tenha conseguido alterar significativamente a realidade, alterou a ele enquanto indivíduo.

A pretensão de Rodovaldo é fugir da mesmice do cotidiano (daquilo que ele era). Isso transparece quando o professor e Amélia se dirigem para a estação rodoviária, no segundo capítulo. "O lugar mal se acordava do seu ordinário sono, à aparência de anteriores e outros e outoutros sonos semelhantemente dormidos em eternas semelhantes noites. (...) Tudo tão parecidamente igual a ontem, a ontontem, a transantontem. Fugir desse sempre-o-mesmo xerocado mundo, dissera Rodovaldo" (p. 21). O tempo deixa de existir, fica em suspenso desde o momento em que o grupo adentra o "rosamundo", o "sem-lugar", "o não-

<sup>17</sup> BELING, Romar Rudolfo. *A literatura no Vale do Rio Pardo*. (Monografia de Graduação em Letras) Santa Cruz do Sul, Universidade de Santa Cruz do Sul, 1996. 72 p.



espaço”, “aquele que está por detrás, e quando se chega lá, está na frente” (p. 219). Basta verificar duas explicações sobre a localização do “rosamundo”: “Não fica perto nem longe de nenhum aonde. É um lugar ele próprio, sem precisão de qualquer outro lugar. (...) Fica no centro centrinho do mundo, no seu embigo embiguinho” (p. 22); “O Rosamundo é um embigo (...) Está por detrás, e quando se chega lá, está na frente” (p. 219). Mas “A frente é qualquer direção, menos aquela por onde viemos. É ir por onde não viemos. Ou não ir por onde viemos.” (p. 195).

Ou seja, o centro do mundo estará onde o quisermos identificar, assim como toda a frente também se torna facilmente a parte de trás. Rodovaldo encarna na literatura, a exemplo de Dom Quixote, aquilo que não tem substância, o inconsciente, o inconsistente, com a pretensão de viver no mundo real, mas tudo o que consegue é circular num universo ideal. E o protagonista era imprevisível até na hora de tomar decisões: “Agora, ele afirmava uma coisa e no momento seguinte ele a negava”, comenta Amélia (p. 197). Rodovaldo assume, por conseguinte, a sua condição de mito vivente da ficção de Guimarães Rosa. O professor e seu grupo mergulham no universo diegético da obra rosiana, e ao mesmo tempo trazem este universo diegético para o plano de *Rosas do Brasil*, quando as duas “realidades” ficcionais se mesclam, bifurcam, misturam. Insinua-se apenas a distinção psicológica do real e do ficcional: um é o “rosamundo”; outro, o “rasomundo”. Obviamente, ambos são um e mesmo, pois o segundo alimenta o primeiro, e vice-versa. Ao lado destes dois extremos complementares, *Rosas do Brasil* promove o desdobramento definitivo ainda entre Bem e Mal, Deus e Diabo, vida e morte, realidade e ficção, entre o de fora e o de dentro do homem, entre o que é o que afigura ser, entre real e mímese. E esta sempre será mímese (o outro), por mais verossimilhança que em si carregue.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELING, Romar Rudolfo. *A literatura no Vale do Rio Pardo*. (Monografia de Graduação em Letras). Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 1996. 72 p.
- \_\_\_\_\_. O patrono, suas idéias e suas ações. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 31 de outubro e 1 de novembro de 1998. Caderno Sábado, p. 4-5.
- \_\_\_\_\_. *Uma odisséia em busca de si mesmo*. (Monografia de Especialização em Literatura). Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 1999. 100 p.

- BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In.: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 261-288.
- CERVANTES DE SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1981. 609 p.
- FREUD, Sigmund. *O estranho*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 235-273. (Obras Psicológicas Completas, vol. XVII).
- RANK, Otto. *O duplo*. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1939. 152 p.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 568 p.
- ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 1998. 110 p.
- SCHAEFER, Sérgio. *Rosas do Brasil*. Porto Alegre: IGEL/Instituto Estadual do Livro, 1989. 523 p. (Col. Nova Literatura).
- \_\_\_\_\_. *Zé Divino, o messias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. 211 p.